SOLETRAS REVISTA N. 42 – 2021.2 – MARIA RAQUEL ÁLVARES MENDES DE OLIVEIRA

Pontes Atlânticas: Vera Duarte, *A Reinvenção do Mar*e Maria Teresa Horta, *Estranhezas* – Voo, "Asa" e reflexões

Maria Raquel Álvares Mendes de Oliveira[1]

Resumo: No que diz respeito à dimensão estético-literária, como domínio de análise e reconhecimento de particularidades expostas na literatura caboverdiana no pós de 25 de Abril é de grande importância fazer alusão às pontes de contacto e de intervenção cultural existentes em outros espaços da escrita literária, é o caso da poeta Vera Duarte que escreve uma obra de cariz universalizante e inovadora.
Em Portugal, Maria Teresa Horta, contemporânea da anterior escritora, apresenta igualmente uma escrita profundamente intimista, marcada pela reinvenção de vozes femininas que transgridem o quotidiano, subvertem as leis sociais e refletem desejos de liberdade.
Vera Duarte in *A Reimvenção do Mar – Antologia Poética* (2018) e também Maria Teresa Horta in *Estrnhezas* (2018) entoam cânticos à mulher, experiências e histórias que silenciadas lutam pela liberdade.
Por um lado, pretende-se mostrar que a escrita feminina de ambas abre sulcos na geografia do tempo, cresce livre e aberta a diálogos intertextuais e temáticos e por outro, a construção de um novo olhar que à distância geográfica enfoca questões preservadas na memória cultural europeia.
Alguns estudiosos críticos serão abordados: M. Bakhtin, Gaston Bachelard, John Keats e outros.

Palavras-chave: Vera Duarte. Literatura caboverdiana. Maria Teresa Horta. Literatura portuguesa. liberdade.

Primeiras palavras

Neste trabalho pretende-se mostrar que a escrita líricadasduaspoetasabre sulcos na geografia do tempo, cresce livre e aberta a diálogos intertextuais e temáticos que estão presentes nos seus voos poéticos e, por outro, a construção de um novo olhar que à distância geográfica enfoca questões de possível alargamento cultural que dão visibilidade e voz às várias modalidades de representações de personagens femininas que estão preservadas na memória cultural europeia.

Maria Teresa Horta, escritora pertencente ao movimento literário "Poesia 61"e Vera Duarte, escritora cabo-verdiana que nas leituras feitas da obra de Maria Teresa Horta, em especial *Novas Cartas Portuguesas*(1972),bebeu e assimilou culturalmente a sua poesia que

[1]Doutora em Estudos de Literatura e Cultura pela Universidade de Lisboa. Mestre em Literaturas Africana e Brasileira. E-mail: maria.raquel.alvares@gmail.com.

serviu como fonte de inspiração, motivação e de abertura a novos caminhos de diversidades cultural e temática**.**

Se o mar é o caminho da emigração, da saudade, o elemento mediador entre Cabo Verde e o mundo, o espaço das viagens imaginárias ao gosto de Rimbaud em momentos de desagregação gravados em sinais de insurreição, revolta, rebeldia e de alegria para lá do sofrimento e da alegria, é também de abertura e de interpelação a novos conhecimentos.

Na poesia de Vera Duarte existe a presença de um sentimento coletivo de abertura a temáticas que ela compartilha com os outros/mundo, fundamentadas na insularidade, multiculturalidade e identidade de um povo que na sua trajetória social, cultural e ideológica procurou subverter em longos voos, momentos de desejo de liberdade. Ela acredita que a mulher tem a palavra e o poder, uma conquista alcançada das lutas vividas no decorrer dos tempos, mostra a sua capacidade em saber vencer os obstáculos e a sua palavra é reivindicadora do poder feminino, em diversas áreas do quotidiano.

As relações culturais-literárias entre as ilhas atlânticas de Cabo Verde e Portugal levaram a ligações e aberturas a novos caminhos e influências estético-ideológicas e estilos diferentes de escritas que vão marcar a poesia da Independência em Cabo Verde, ressonâncias da poesia portuguesa que desenham-se em entrecruzamentos culturais desde os anos 60 até à actualidade.

Estas pontes atlânticas dão lugar a duas escritas femininas contemporâneas, profundamente intimistas, marcadas pela reinvenção de vozes femininas que transgridem o quotidiano, subvertem as leis sociais nos desejos de liberdade, encontros interculturais e questões que se prendem com a trajetória social e a dimensão da mulher no passado e nos dias de hoje.

Nesta interação cultural e literária dá-se a conhecer duas mulheres da escrita poética contemporânea, Vera Duarte (Cabo Verde) e Maria Teresa Horta (Portugal), marcadas pelo regime didatorial que apresentam, nos seus textos literários, a defesa dos direitos humanos e culturais, da liberdade e da emancipação feminina. Ambas constroem todo um percurso de escrita baseado na defesa de ideais com as suas rotas socioculturais, políticas, culturais e poéticas, criam vozes imbuídas de lirismo que cantam temáticas de esperança e desesperança, de amor, de solidão, de utopias que prevalecem em sentimentos que oscilam entre o sonho e a liberdade.

Corpus

Em Cabo Verde,Vera Duarte em *O Arquipélago da Paixão* diz: "Pelo tempo por que passei/deixei gravados os meus sinais/d'insurreição, revoltae rebeldia/e de alegria para *lá da dor […]"* (2018:48). Em Portugal, Maria Teresa Horta é asua contemporânea que apresenta uma escrita feminina profundamente intimista, marcada pela reinvenção de vozes que transgridem o quotidiano, subvertem as leis sociais e refratam desejos de liberdade. Elas foram escolhidas pelo interesse da sua lírica na produção literária feminina, noque diz respeito a encontros interculturaise questões temáticas que se prendem com a trajetória e a dimensão social da mulher no passado e na atualidade. Ambas participaram na *Antologia Poética, Arqueologia da palavra e anatomia da língua*(2013) com colaboradores de Angola,Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Macau, Portugal e Moçambique. Vera Duarte apresentou o poema "Rosa entre cadáveres" e Maria Teresa Horta os poemas "Arrebatada" publicado em *Estranhezas* e "Segredo" em *Minha Senhora de mim.*

A Reinvenção do Mar – Antologia Poética (2018), poesia reunida por Vera Duarte que pela escolha e pelo rigor da seleção de textos dos livros *Amanhã Madrugada* (1993), *O Arquipélagoda Paixão* (2001), *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (2005), *De Risos e Lágrimas* (2018) e *Exercícios Poéticos* (1993, 2018), os seus poemas entoam cânticos à mulher pela presença de vozes em torno das dualidades amor/ódio, prazer/dor em uma escrita vivificante feita de contrastes e contradições. Segundo Vera é uma "inspiração" daquilo que o mar representa para o povo cabo-verdiano que no seu entender é um elemento que está permanentemente presente nas vidas das gentes crioulas e que continua a ser reinventado pelos escritores de Cabo Verde. O mar foi o caminho da emigração, da saudade, elemento mediador entre o Arquipélago e o mundo, e ele tem sido a saída dos cabo-verdianos para a subsistência pois vivem essencialmente do turismo que é do sol e mar.

Igualmente, Maria Teresa Horta lança *Estranhezas* (2018) com misturas de voos, experiências e histórias de mulheres, muitas vezes silenciadas, que lutam pelo espaço em liberdade. O livro apresenta a seguinte divisão: I-*No Espelho*, II – *Da Paixão*, III – *Da Beleza,IV – Alteridades, V – Tumulto, VI – Ferocidades, VI – Diante do Abismo* e *A Asa.* A contracapa encerra com o poema *A asa* que recupera a memória da representação pictórica de Albrecht Dürer, *Asa de um Rolo Azul*que na sua viagem onírica ganha voo, interroga e questiona o mundo. A propósito do voo Gaston Bachelard diz: "[…] à l'égard de l'expérience dynamique

profonde qu'est le vol onirique, l'aile est déjà une rationalisation" (1990, p. 36) que tem uma enorme força e poder na poesia ascensional de Teresa Horta, uma imaginação aériana que evoca diversos tipos de mulheres que refletem voos sombrios e luminosos e ainda como diz Gaston Bachelard: "Tout azur dynamique, tout azur furtif est une aile. L'oiseau bleu est une production du mouvement aérien."(1990, p. 89). A *asa* expressa esse movimento aéreo e dinâmico, realiza o seu voo e refrata atributos de seres reais que pairam no ar. A sua escrita poética é repleta de imagens que caracterizam a sua imaginação em constante mobilidade traduzindoa intensidade e a diversidade de sentimentos. Em recente entrevista de 2012 realizada por Sarah Carmo a Maria Teresa Horta, ouça-se a voz da poetisa: "Eu sou a minha poesia, portanto a poesia é a minha voz, a minha expressão voada. […] a minha escrita é feita de luz, de intertextualidades, de reinvenção permanente. […] De questionamentos e de um exaustivo trabalho literário, poético, sobre a linguagem," (2012, p. 220).Como acentua Sophie Rabau: "Chaque texte porte en lui "la trace", en tout cas la possibilité de son destin intertextuel […]" (2002, p. 40) e Michael Riffaterre escreve: "L'intertextualité est donc partie prenante de la constitution du sens qu'elle determine et, inversement, le repérage de l'intertexte contribue à l'établissement du sens." (1983, p. 205).

Caminhos

Vera Duarte em *A Reinvenção do Mar* cita inicialmente os voos rasantes que planam sem ousar a arma de um hino revolucionário que deseja uma madrugada diferente, a mudança. No *exercício poético nº4,* o *eupoético* na sua viagem onírica anseia pela liberdade: "[…] eu sonhei e no sonho se compôs a imagem de perdida felicidade. Componente primeira LIBERDADE, e o sonho se desfez em pesadelos, porquê morrer se não sou feliz" (2018, p. 25).

O tema da paixão presente na sua poesia em especial nos versos de "Sentir" em *O Arquipélago da Paixão,* é sentimento arrebatador, por vezes destruidor: "Sinto-me consumida/por uma paixão desesperada/Sinto-me possuída/por um louco amor desamparado/Sinto-me diluída/num sentimento que não reconheço" (2018, p. 46),que dilacera o *eu.* A repetição anafórica do verbo "Sentir" exprime a luta entre a emoção e a razão, sentir por um *tu* que ocupou "[…]todos os lugares […]todos os jardins, (2018, p. 47). As oscilações desse sentir evidenciam a euforia e a disforia, as gradações constantes de um sentir dramático que euforiza a paixão e a aterra, que dá vida e a dilacera. Os sentimentos de rebeldia

manifestados pela insurreição, revolta, rebeldia e de alegria estão presentes no poema "Sinais!" que deixará "sinais de fogo/de sangue/e de amores/Sinais de lágrimas/de ódios/e de dores […]" (2018, p. 48), contudo ela continua livre, insubmissa e deseja ansiosamente a liberdade do *eu* na escrita inovadora e feminista.

Em paralelo, o *eu poético*de Teresa Horta à semelhança de um pássaro em *Estranhezas* está dotado de escrita feminista que faz viagem onírica, caminha numa escrita libertadora, cheia de movimento, renovação, entrega,conturbação, desassombro, arrebatamento e voa em seu movimento ascensional. As suas asas significam a liberdade da alma, a conquista de algo invulgar que está presente na sua poética e que no seu percorrer ela deseja alcançar. Nos poemas *Em Busca da Vida:* "Dispo todos os sentidos/e vou em busca davida/escrita pela minha mão […]" (2018, p. 18) e ela traça o seu caminho: "[…] consulto os mapas da alma […] os atlas da insubmissão/as cartas dos oceanos/os versos, a alegoria/Vou navegando à bolina/por entre ventos contrários/e ondas enraivecidas/ com a bússola da transgressão/os astrolábios dos dias/e as palavras da poesia […]" (2018, p. 20). A sua escrita funciona como navegação que passa por momentos transitórios positivos e negativos, cheios de desassossegos e de buscas em relação ao desconhecido e à descoberta da palavra.

Não são esquecidas as leituras feitas e reveladas no poema "As Bibliotecas" em que o *eu poético* devora, ama "[…] como sendo um roseiral/de rosas entreabertas" (2018, p. 26), sente o esplendor dos perfumes, a presença das histórias "[…], a loucura dos sentidos […]" (2018, p. 27) e quando se senta e lê um livro "[…] é como se já voasse/em motim e transgressão […]" (2018, p. 27). Em cada leitura realizada, o *eu feminino* reencontra-se com personagens que interioriza e dão lugar às possíveis diferentes transformações da poeta em Penépole, Eurídice, Isolda, Morgana, Alice, pois sente que foi Ofélia e pensa que foi Circe, "[…] esqueci-me de ser Helena […]" (2018, p. 46). Na diversidade feminina, o sujeito poético"[…] ora tecendo e voando/ora escrevendo – inventando/com o prazer das palavras" (2018, p. 49) deseja-se conhecer e busca o seu horizonte, os seus limites, faz uma experiência de conhecimento e no poema "De vidro e Mar" ela autocaracteriza-se: vidro, mar, falcão, rosa, rocha, rubra e conclui que é feita de água e fogo.

À presença da paixão face ao outro, sentimento exaltante em renovação constante e no seu percurso; o sujeito poético na entrega toma consciência da realidade: "[…) a entregar-me a ti na rebeldia /iludindo as asas no voar/indo além de mim/todos os dias" (2018, p. 64) e "A iludir a vertigem/da paixão que eu persigo/sem confessar o desejo /de fazer amor contigo"

(2018, p. 67). Nesse desejo do outro, ela desdobra-o, reinventa-o, imagina-o e reflete: ”Foste outro que amei/és quem eu amo agora/ na mistura de ti quero-te múltiplo […]” (2018, p. 68) e na reinvenção do amor, o *eu* regressa sempre ao outro “Eu volto sempre/a ti/num outro tempo/desordem do desejo/em chama ardente/no abismo secular do teu orgasmo” (2018, p. 72).

Na força do amor, sente se esse amor alimenta ou se pelo contrário é a sua perda. Nessa relação, há confidências, cumplicidades, imprudências, receios,tristezas, silêncios, admirações, espantos, enredos e devaneios. No poema “Paixão” o *eu*autodefine-se: “Eu sou aquela que mata/quando morre de paixão” (2018, p. 85), e em “Por Ti” (2018, p. 86) trata de paixões arrebatadas feitas de tumulto e desvario: “De oposta maneira no olhar/falamos de paixões arrebatadas/iludindo o perigo, a enganar” (2018, p. 88), caminha com ímpeto e entusiasmo “E se de ti me chega/o riso ardente/parto a correr na floresta” (2018, p. 89).Nesse movimento imaginário “[…]fiamos as emoções/os sentimentos de linho[…]embaraçamos as rosas/alteramos rotações/convocamos o secreto[…]sulcamos os mares profundos/traçamos meridianos/e confundimos os mundos” (2018, p. 91).Por vezes o *eu* interroga o outro com a finalidade de um recomeço “[…]como se as estrelas/fossem o início/e nós dois, meu amor” (2018, p. 92) e compara esse amor a Adão e Eva que pela paixão foram obrigados a deixar o Paraíso. Algumas vezes recupera o passado vivido com o outro e o espaço da memória invoca paixão, fogo de chama, paixão e desejo, em entrega mútua inseparável e convida-o a transpor todo um movimento“[…] vivendo o nosso/amor/até depois da morte” (2018, p. 95).

Em *Da Beleza* o sujeito poético faz a invocação a Vénus, elogia a sua beleza, recupera as figuras emblemáticas, Diana, Eurídice, a sua poesia transmite o desejo e o fulgor da beleza, não esquecendo a de Narciso, além do sorriso das camélias, a linguagem do espelho e a recriação do mito narcísico. (2018, p. 115). Em *Alteridades*, alusão “[…]às três graças/ três parcas/ às três musas, (2018, p. 176), a busca do feminino “[…]das grandes mulheres, as amazonas, as feiticeiras perdidas, as lobas, as raposas, as gazelas, as leoas onde estão as poetisas /bravias em devaneio/pelo avesso da rima/onde se entorna o poema? (2018, p. 177). E no texto “Impetuosas”, o *eu poético* fala de anjos “[…]vorazes/voando por entre espinhos/em torno do sobressalto/” (2018, p. 180), de “[…]sereias vorazes/ora ardentes e cruéis/no centro das tempestades (2018, p. 180). As sereias ”[…] são anjos furtivos/por entre/o brilho dos astros/da condição das estrelas/das aves do paraíso/mas também do cadafalso.(2018, p. 181), vindas “[…]de um tempo/sem tempo/nascidas do próprio invento. (2018, p. 181).

Ainda em *Tumulto*, há a recriação do paraíso perdido, do episódio de "Dalila e Sansão" e uma reflexão sobre a natureza do herói, frágil, doce, quase morto; aborda a *Ilíada* de Homero, invoca Tróia, Heitor, o escudo de Aquiles em que desvaloriza as "[…]glórias funestas/que tudo aniquilam/Um sabor a vertigens/e a grandiosidade[..]" (2018, p.189) culpabiliza Helena, alude a Ulisses, o herói que conduziu as batalhas, inventa a epopeia, desgraça e ventura, clamor. Esta personagem colhe a experiência vivida da tragédia de Tróia, daquilo que está desfeito, incendiado e perdido, do poder doherói,o saquear, a dor, "[…]desatino e clamor/unindo o peito ao seu grito/navegando, o imprevisto. Ulisses tece o ardil/empunhando o heroísmo/com solidões de narciso." (2018, p. 194). A melancolia, o individualismo, a sua presença e comunicação com as sereias aladas, a sua errância e a sua instabilidade e a representação de Penépole, fiel? A dúvida persiste, mulher ardilosa que aparentemente mostra "[…] cumprir a imagem perfeita/da feminina essência/ela urdia para si outro destino/sabendo disfarçar/a própria ardência (2018, p. 196).

Neste percurso invoca Diotima de Mantineia "O amor é o melhor meio/para se alcançar o divino." (2018, p. 197). Ainda o olhar do *eu poético* face ao quadro de João, o Baptista, o quadro feito pelo pintor Caravaggio e a maldade de Salomé, (2018, p. 198). Os episódios dos mitos de Tristão e Isolda, o diálogo entre as duas personagens, o amor proibido, a oscilação entre a idealização e o real, o corte no fio gelado da espada funciona como abertura à realidade que no entanto persiste a presença desse amor (o elixir da paixão).

A história de amor trágico entre Abelardo e Heloísa passado em França, Joana D'Arc, as mulheres de Cranach, caracterizadas: frontais, belas, frias, ávidas, secas, sombrias, secretas, fantasiosas, ausentes, desapiedadas, misteriosas, indiferentes, alheadas, umbrosas, recônditas, imaginárias, independentes, frontais, famintas, insaciadas, vorazes, sequiosas*; Teresa de Ávila*, a milagrosa e a mártir, o retrato de Hélène Fourment pintado pelo seu esposo, Peter Paul Rubens. Ela foi a eterna prisioneira de seu próprio retrato, idealizado pelo pintor. Mais nova do que Rubens, ela vai aparecer em vários retratos pintados pelo seu marido. Annabel Lee (personagem do poema "Annabel Lee" de Edgar Allan Poe), Elizabeth Siddall, lady Chatterley, Lolita como mito transgressor, a interiorização do *eu poético* feminino, o suicídio de Virgínia, as figuras de Romeu, Julieta, Otelo, Ofélia e Hamlet. No seu voo contínuo, a poeta rememora personagens que fazem parte da literatura universal e que desafiam as convenções sociais. Ela entra em diálogo com as mulheres que por seus traços marcantes são representativas de determinados ideais e que ao longo do tempo estiveram silenciadas literaria esocialmente.

No capítulo "Tumulto" há a presença de interesses intertextuais, sobretudo dos clássicos que incorporam o seu imaginário e a construção de uma voz própria que dá corpo como espaço de encontro sobretudo de si. Vozes que se entregaram aos seus amantes são resgatadas intencionalmente, produzindo um sentido muito amplo, em que a mulher assume, ela própria a sua voz. Diante da força das imagens poéticas que são trabalhadas constituindo assim um acto de rebeldia e de reflexão reivindicativa e de revolta, uma escrita feita de estranheza, de emoção e de inquietação que expressa o feminino.

O *eu poético* de Vera Duarte também refere sofrimentos, morte de sonhos e de esperanças, destruição de utopias, exemplica com a morte de Madre Teresa, diz que "Orfeu perdeu sua Eurídice" (2018:93), alude à poesia de Tchicaya, Corsino, Senghor e Cesaire e faz um convite a todos os poetas para se juntarem e de construirem um tempo novo e redimido.

Nesse sentido as duas escritoras estabelecem diálogo semântico e temático que produz uma renovação de sentidos que são trabalhados, os quais na produção poética de Verase define como poemática. A este respeito, o teórico Laurent Jenny afirma: "Il y a intertextualité quando le texte retravaille un autre texte et non pas seulement quando il est porteur d'une allusion qu'il ne modifie pas." (1976, p. 263). Desse modo o Atlântico como abertura cultural recebe influências de temas trabalhados por outros escritores, portugueses e internacionais, entre os quais de Maria Teresa Horta que em um processo de emergência da consciência cultural e nacional das ilhas crioulas, estabelece diálogo intertextual,no entender de M. Bakthine, entre as duas poéticas e transmite visão estética comum fundamentada na liberdade:"[…] le dialogisme se définit comme toute prise en compte par le discours littéraire de l'autre et de son discours." (1981, p. 222).

Em *Estranhezas*, Maria Teresa Horta faz uma renovação da linguagem, dá uma nova poesia representativa de vozes de mulheres, lembradas, reinventadas, em que há liberdade, inovação, transgressão e voo, afirma-se que é a feiticeira da palavra que atravessa os tempos como agente de inquietação e de transgressão e assume que é uma semeadora de desordem que transgride no espaço e no tempo. No seu ensaio "Escrita e transgressão, ela escreve:"[...] a arte de escrever é, em si mesma, um acto de criação em movimento constante: de renovação, de entrega, de conturbação e desassombro" (2008:51).

Não se esquece o poema "Poetisas Românticas", texto em que o *eu poético* caracteriza-as:febris, magras, sombrias, nervosas, esquivas, tardias que se esvaem com as palavras"por entre o torpe incêndio/das lágrimas/onde o coração ardia/porque o êxtase as perdia" (2018, p.

219).Por um lado, pensa-se que neste poema há uma crítica ao romantismo e por outro às mulheres que viviam em situações aprisionadas.

No poema "Ortodoxias em desagregação poema manifesto" dedicado ao Mário Fonseca, a poetisa Vera Duarte confessa a esperança que sente de momentos de revolta "[…] dos momentos iniciáticos/que incendiaram o coração dos homens/Das revoltas dos escravos/dos outubros de dezassete/das áfricas de sessenta/dos maios subversivos/dos abris/todos os abris/das mulheres que ousaram/das mulheres que fizeram" (2018, p. 51). O *eu* faz um cântico dedicado aos povos livres, às glórias da Nação, remora mulheres emblemáticas a quem ela dedicou o seu carinho a antígona pela justiça/ a safo pela beleza/ a ginga pela bravura " (2018, p. 54). Acentua a desagregação social, ela deseja continuar a sua missão de peregrina lutando pela liberdade do homem, confirmada na reflexão " A prisão" em *Navegações*, texto dedicado a Luandino Vieira "Cerca-me um universo alucinado de pássaros engaiolados.[…] E os pássaros continuam presos detrás das grades da sua gaiola…dentro do meu peito" (2018, p. 69). No entanto, ela continua a sentir a presença dessa humilhação gerada pela ausência da liberdade interior tão defendida por Rimbaud: "[…] Quand sera brisé l'infini servage de la femme, quand elle vivra pour elle et par elle, l'homme, - jusqu'ici abominable, - lui ayant donné son renvoi, elle sera poète, elle aussi!" (1984, p. 204).

No capítulo "Ferocidades" em *Estranhezas*, o *eu poético* autoconfessa que canta a sua selva, savana, seiva, silêncio sem medo, liberdade, desassossego e argúcia (2018, p. 237), interroga no poema "Perguntas" (2018, p. 241), deseja domar o tempo, assume-se "Eu sou o tigre dos versos/a raposa da saudade/o leopardo adverso/nele buscando o inverso/da escrita do seu disfarce"(2018, p.243)e autocaracteriza-se: "Eu sou o lince dos verbos/a pantera em sua arte/o desespero do falcão/a águia do vento norte/no desvario da razão." (2018, p. 243) e no poema "A raposa e os caçadores": "Sou uma raposa a lutar com a solidão agreste/que me devasta perdida entre o medo que fascina/me derruba, me ameaça, me questiona, desata/e em seguida me expõe, caça, derruba, mata/ […]" (2018, p. 248), em "Outra vez o lobo": "[…] O futuro sai em torno/a afeiçoar-se na busca/desamada e penumbrosa/com a bússola do voo da águia/vertiginosa e alada/amargurada iunvejosa/Tentando manipular/encobrir e estilhaçar/a minha visão de rosa" (2018, p. 257) e ainda em "Remando", reflexão do *eu poético* e da sua condição na sociedade, ela interroga-se em relação à sua continuidade de percurso vital quando sente que há algo que a faz mudar de rumo:"Pois nada do meu sonho/é mais possível/se a vida e os outros me magoam" (2018, p. 265).

No último capítulo "Diante do Abismo", o poema"Tanta Ilusão", uma reflexão que o *sujeito poético* faz em relação ao estado ilusório da vida. É a sua própria experiência que projeta interrogações sobre o medo e a realização da sua escrita, houve o abandono: "E me quebrou depois/o coração ardente? (2018, p. 276) e nesse espaço de isolamento, ela sente o vazio, a náusea, "Ninguém deseja ser/poeira e cinza/na sua agrura insustida" (2018, p. 278) e insiste em continuar a procurar o seu sonho "[…]escavando devagar/e respirando/pela fresta deixada/lá em baixo" (2018, p. 280).

No poema "Venenos", a poeta faz referência à flor de açucena, perfumada, mas quando a sua luz se torna mais baça "onde depois se acendem/pulsando na fundura do peito/na ferida macerada/como lâmina de faca" (2018, p. 283) e no poema "Desnorte" põe o problema do destino, elemento superior que controla a mudança. Em "À janela do Mundo" o *eu* interroga-se, faz abertura a toda uma dimensão que não tem limites e no poema "Eternidade", um sujeito poético plural que reflete sobre o etéreo, a sobrevivência do homem para além da memória: "Porque antes fomos/connosco noutra hora, e agora/voltamos quando nos esquecemos" […] Fugaz a madrugada volta a luzir/no espaço, entre o prazer/aceso e o lento segredo. (2018, p. 303). Os sentimentos são efémeros, pode haver um refazer e "Apesar das tormentas,/para sempre voamos/século após século no ressalto dos ventos" (2018, p.303).

É esse voar que acompanha toda a trajetória poética dos vários momentos do lirismo de Maria Teresa Horta que em movimento constante de renovação, de entrega, de conturbação e desassombro mistura vozes de mulheres que são lembradas e reinventadas numa defesa da liberdade. O voo feminino continua o seu trajeto imaginário rompendo as barreiras dos preconceitos contra as mulheres e afirmando aquilo que diz na entrevista concedida a Sarah Carmo, em 2012:

> Eu sou a minha poesia, portanto a poesia é a minha voz, a minha expressão voada [...] A palavra voada é sobretudo a palavra do poético, do poeta, a palavra do anjo [...] O voo de que falo é o voo da transgressão.[...] A minha escrita é feita de luz, de intertextualidades, de reinvenção permanente [...] eu rompo com todos os limites, infrinjo-os.Não pode haver limites na poesia [...] Nada tem um só sentido na vida, um único lado, nada é só Luz ou Sombra, como tão bem sabiam Teresa de Ávila e Hildegarda de Binguem.
> (CARMO, 2012, p. 219-220).

Igualmente a poesia de Vera Duarte é transgressora em relação à sua postura perante o mundo, à sua sensibilidade diantedo desespero da miséria, da fome transmissora de luz e

sombra: “Em África nasce uma rosa/Uma rosa entre cadáveres/E dela brota um sol de sangue/ Em África cresce uma rosa/Rosa única de dor e revolta/E dela queda um sol de sangue/Em África cresce uma rosa/É a rosa mirabílica/Flor da poesia/Uma rosa entre cadáveres”. (2018, p. 84). A poesia de Vera é revestida de fortes sentidos que traduzem a leitura, a compreensão e a procura do mundo que ela deseja trazer para dentro da sua ilha.

Palavras finais

As duas poetas representam vozes atlânticas de um oceano que une Cabo Verde e Portugal em ligações temáticas, dialógicas e intertextuais que se cruzam em palavras, afetos, sonhos, utopias, figuras emblemáticas, voos contínuos que preservam memórias culturais e entrelaçam-se “[…] à procura de um futuro finalmente tornado possível” (2018, p. 66).Palavras de Maria Teresa Horta em “Escrita e Transgressão”: “Afinal, como feiticeiras da palavra, elas têm atravessado os tempos enquanto agentes de inquietação e de transgressão: ‘Elas são inquietantes./Elas são imprevisíveis./Elas podem ser perigosas.’” (2009, p. 50) e no poema “Feiticeiras”: “Elas estão à minha espera/e eu nem sei o motivo/de sempre as trazer comigo/Elas são as poetisas/com a escrita de voar/feiticeiras de olhos lívidos/Amo-as com os meus/poemas/e com/os meus/… sentidos” (2018, p. 45). Essas mulheres que na poesia de Vera Duarte“[…]ousaram […]fizeram […] e […]/Que deram som às revoluções/que cantaram independências e a liberdade.” (2018, p. 57).

Duas vozes femininas defensoras e denunciadoras dos sentimentos inerentes às mulheres silenciadas e humilhadas em tempos de insubmissão em voos de asa, de revolta e de inquietação cuja diversidade de escrita espelha momentos de alegria, de desespero, de angústia, de esperança numa busca constante de liberdade.Vera Duarte convida-nos a reinventar o mar, esse caminho aberto e direccionado numa geografia de contatos transculturais e Maria Teresa Horta numa escrita de voo de asa que interroga e questiona o mundo, pretende alcançar a plenitude universal nos seus barcos de palavras reinventadas. As imagens poéticas das duas escritoras fazem-nos compreender que pelo voo da imaginação dinâmica percorre-se o universo, mobiliza-se o vento e transmuta-se o ser.

Referências

BACHELARD, G. *L'air et les songes* – essai sur l'imagination dumouvement. Paris: José Corti, 1990.

CARMO, S. A Palavra voada: Entrevista com Maria Teresa Horta. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Nitéroi, n 9,nov. 2012, p. 219-223: v.5.

DUARTE, V. *A Reinvenção do Mar*, Lisboa: Rosa de Porcelana, 2018.

HORTA, M. T. *Estranhezas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2018.

HORTA, M. T.*Escrita e Transgressão*. Matraga, Rio de Janeiro, UERJ, n 25, jul./dez, 2009, p. 37-53: v.16.

JENNY, L. La stratégie de la forme, *In:* Poétique. Paris: Flammarion, 8, p. 263; 1976.

KRISTEVA, J.*Sémiotikè*, Recherches pour une sémanalyse. Paris: Seuil, 1969.

RABAU, S. *L'intertextualité*. Paris: Flammarion, 2002.

RIFFATERRE, M. *Sémiotique de la poésie*, Paris: Seuil, p. 205, 1983.

RIMBAUD, A. *Poésies*. Paris: Gallimard, 1984.

TOLENTINO, J. *Vera Duarte e a reinvenção do mar.* Praia: Cabo Verde, Auditório do Instituto Internacional da Língua Portuguesa. (Texto apresentado em 3 jul. 2018).

Atlantic Bridges: Vera Duarte, The Reinvention of the Mare Maria Teresa Horta, Estranhezas – Flight, "Wing" and reflections

Abstract: With regard to the aesthetic-literary dimension, as a domain of analysis and recognition of aspects exposed in Cape Verdean Literature after April 25, it is of great importance to refer to the bridges of contact and cultural intervention existing in other spaces of literary writing, such as this case of the poet Vera Duarte, who writes a universal and innovative poetic work.
In Portugal, Maria Teresa Horta, a contemporary of the previous writer, also presents a profoundly intimate writing, marqued by the reinvention of female voices that transgress daily life, subvert social laws and reflet desires for liberty.
Vera Duarte in *A Reinvenção do Mar – Antologia Poética* (2018) and also Maria Teresa Horta in *Estranhezas* (2018), both sing songs to women, mixes of flights, expériences and female stories that silently fight for liberty.
On the one hand, it is intended to show that the feminine writing of both opens grooves in the geography of time, grows free and open to intertextual and thematic dialogues and on the other hand, the construction of a new - look that to distance geographic on issues of possible cultural memory.

Some scholars of literary criticism will be approached : M. Bakhtin, Gaston Bachelard, John Keats and others.

Keywords: Vera Duarte. Cape Verdean Literature. Maria Teresa Horta. Portuguese Literature. liberty.

Recebido em: 09 de novembro de 2021.

Aceito em: 10 de dezembro de 2021.